

Capítulo 1

Ao se deitar na cama naquela manhã, um número muito grande de pensamentos passou pela cabeça de Mickey Sienna. Mais de uma vez, ele considerou a possibilidade de que aquele dia mudaria sua vida profundamente. Ele descobriu que atingira o ponto em que todos aqueles dias tinham ficado no passado e, na verdade, a maioria de seus pensamentos se concentrava na ideia de que, a cada manhã, ele cogitava nunca mais se levantar da cama, e isso estava se tornando cada vez mais atraente.

Em seu 83º ano de vida e na quarta estação desde que sua companheira de mais de meio século se fora, Mickey abria os olhos cedo todas as manhãs. Ouvia os trabalhadores correrem para pegar o jornal na entrada da casa, acreditando que já estavam atrasados para matar o leão do dia. Ouvia os ônibus escolares rangerem os pneus para apanhar outra geração de crianças. Os lixeiros vinham às terças e às sextas e os apanhadores da coleta seletiva de lixo, às segundas. Aquela menininha superagitada, sua vizinha, dava um grito estridente para convencer a mãe a qualquer custo a deixá-la brincar na rua, apesar do mau tempo. Cada som levava seus pensamentos para uma direção diferente. Os primeiros e estimulantes

dias como negociante e a vida que levava. O primeiro dia de escola de Darlene. As pilhas de caixas de presente deixadas de lado depois do Natal. A alegria de Denise ao ser carregada nos ombros dele.

Deitado às vezes por horas e horas, ele continuava escutando, lembrando os fatos. Era incapaz de voltar a dormir, mesmo que estivesse esgotado e soubesse que permaneceria assim o restante do dia. Mas, por ora, tirar uma soneca não era uma opção e levantar não parecia tão atraente. Ele tinha dores nos joelhos, a destreza nos dedos tinha diminuído e sua vida sem Dorothy simplesmente não tinha muita rotina.

Depois da morte de Dorothy, os filhos imploraram que ele se mudasse da colonial New Jersey, onde haviam morado por quarenta anos. Muito espaço. Muitas escadas. Ele não caminhava mais tão bem como antes. Disseram-lhe que ninguém na idade dele precisava de uma casa daquele tamanho. Mas o que eles realmente queriam dizer era que ele era velho para ser independente e certamente velho demais para aprender a fazer as coisas que Dorothy costumava fazer por ele. Embora amasse seus filhos, aquilo era uma ofensa. Os joelhos poderiam estar com a cartilagem gasta, e seus braços por vezes adormeciam sem aviso, mas sua mente era tão brilhante quanto antes. E se ele não sentia vontade de sair da cama na maioria dos dias, e se o simples ato de descer as escadas e ir para o escritório no andar de baixo o cansava, aquilo era problema só dele. Aquela era a casa dele. Ele permaneceria ali. Fim de conversa.

Mickey não sabia preparar a maioria das coisas que gostava de comer. Sempre houvera alguém para cozinhar em seu lugar. Primeiro, sua mãe, uma mulher forte, com ascendência napolitana, que abraçava a cozinha com a mesma paixão com que abraçara seu primeiro filho. Depois, quando morara sozinho, havia uma infinidade de restaurantes em Nova York. E um dos motivos pelos quais seu coração se unira a Dorothy fora a facilidade com que preparava os pratos tradicionais de ambas as origens. Tendo acesso a essa incessante fonte de boa alimentação, Mickey nunca tivera motivo para aprender a cozinhar nem mesmo os pratos mais simples.

Nunca lhe ocorrera que talvez chegasse o dia em que precisaria saber. Certamente, nunca pensara que sua mulher, oito anos mais jovem, morreria antes dele.

Então, dez meses depois da morte de Dorothy, Mickey realizou suas primeiras tentativas na cozinha: pegou dois ovos da geladeira. Pratos quentes eram uma questão de honra para ele. Qualquer um era capaz de encher uma tigela com cereais e leite. Mas um prato quente requeria certo nível de habilidade, que Mickey Sienna poderia seguramente conquistar mesmo em idade avançada. Em breve, ele convidaria todos os filhos para jantar; seria uma grande surpresa. Ele pegou uma frigideira, colocou-a sobre uma boca do fogão e despejou um pouco de óleo. Acendeu o fogo, mas, sem saber à qual boca correspondia, acabou errando. Sem desligar aquela saída de gás, acendeu outra boca e quebrou dois ovos na frigideira. Tinha a impressão de que sempre demorava mais para fritar do que ele imaginava, então, esperou um tempo para virar os ovos e foi para o corredor verificar o que estava passando na TV.

Na verdade, Mickey não gostava muito de televisão, principalmente da programação da manhã, na qual predominavam *talk shows* sem graça, programas de autoajuda deseducativos e barulhentos programas educativos infantis. Mesmo assim, não tinha vontade de ler nada pela manhã, somente à tarde. E havia certo conforto na sensação de ter algum rumor na casa. Mickey escolheu um programa ao acaso e se sentou no sofá. Era um velho drama de família dos anos 1970. A baixa qualidade do som e a simplicidade da narrativa, aliadas à fadiga que parecia se tornar sua eterna companheira nos últimos dias, causaram-lhe sonolência. Enquanto na cama, uma vez acordado, ele não conseguia voltar a dormir; o mesmo não acontecia no sofá. Pouco depois do intervalo para os anunciantes, Mickey estava fora do ar.

Possivelmente, foi a primeira vez na história que uma propaganda na televisão salvou a vida de um homem.

No intervalo entre a soneca de Mickey e o anúncio que o acordou — um contraste complicado e barulhento com relação ao melodrama mudo —, os ovos queimaram e o excesso de óleo na frigideira espir-

rou para a outra boca, que permanecera acesa. O que aconteceu foi que toda a frigideira pegou fogo e se espalhou para a bancada de fôrmica para onde o óleo tinha espirrado. Uma onda negra de fumaça se encaminhou para onde Mickey estava dormindo. A fumaça, que poderia matá-lo com um pouco mais de tempo, não o despertou, mas sim uma propaganda em volume alto, dizendo-lhe que ele teria “uma barriga em forma de tanquinho em apenas dez minutos por dia”.

Mickey tossiu e teve falta de ar enquanto se levantava do sofá. Devagar, entrou na cozinha, retardado não apenas pela dificuldade de dobrar os joelhos, mas também pelo medo tremendo que advém da sensação de perigo. Tentou jogar água nas chamas, mas aquilo causou ainda mais fumaça. Também tentou apanhar a frigideira com um pano de cozinha, mas o pano pegou fogo.

Mickey começou a pensar — mesmo a contragosto, uma vez que não queria admitir suas limitações físicas — que, se quisesse sair dali a salvo, não poderia perder tempo. Tão rápido quanto seus joelhos que rangiam podiam suportar, Mickey lutou contra a fumaça para atravessar a porta da frente. Lá fora, no jardim, arfou profundamente. O que ele deveria fazer? Pensou em todas as coisas que estavam dentro da casa e considerou voltar para resgatar os itens mais preciosos. Mas sabia que isso era insensato. Tinha que fazer alguma coisa. Não podia simplesmente deixar que a casa se incendiasse. Mickey pensou claramente, o bastante para perceber que não estava pensando com clareza. Tentou se acalmar para ver se lhe vinha alguma ideia sensata.

— Oi, Sr. Sienna — disse uma voz de menina. Mickey virou-se para ela. Era Maureen, de 3 anos, a garota que adorava brincar fora de casa.

— Ei, Mickey — disse a mãe dela, Lisa, acenando e caminhando para ele. — Saiu cedo de casa hoje, hein?

Mickey começou a andar na direção delas. A angústia e a desorientação devem ter ficado aparentes em seu rosto, pois mal havia dado uns passos e Lisa apressou-se em sua direção.

— Está tudo bem? — ela perguntou.

— A cozinha... a casa... está pegando fogo — Mickey respondeu.

Lisa abriu a boca, espantada, e voltou-se rapidamente para olhar para a filha. Ela caminhou até Mickey e pegou-o pelo braço.

— Venha para a minha casa — disse. — Você chamou os bombeiros?

— Não, não fiz nada. Não consegui pensar em nada. Eu simplesmente saí de lá.

— Vamos ligar agora mesmo.

Eles deram dois passos. Mesmo agitado, Mickey não podia andar depressa. Lisa soltou seu braço.

— Sabe de uma coisa? Vou na frente. — Virou-se para a filha. — Maureen, pode acompanhar o Sr. Sienna até em casa?

— Quero brincar mais um pouco — disse a menininha, em um tom de voz claramente inconveniente.

— Vamos sair de novo para brincar daqui a pouco. Pode mostrar seu novo cavalinho para o Sr. Sienna, por favor?

Minutos depois, o Sr. Sienna estava sentado na cozinha de Lisa. O coração dele ainda estava batendo forte, mas pelo menos tinha se acalmado com o fato de que os bombeiros estavam a caminho. Havia investido mais de quarenta anos de sua vida naquela casa. E muito mais, se considerasse as lembranças que havia ali. Não poderia sequer imaginar como se sentiria se a casa fosse destruída.

Lisa parecia entender pelo que ele estava passando. Ela afagou a mão dele. Desde que chegara, havia poucos anos, ela era uma boa vizinha. De vez em quando, fazia uns docinhos para ele e sua mulher. Aparecera todos os dias para a vigília de Dorothy.

— Os bombeiros vão chegar logo — disse.

Mickey segurou a mão dela e deu um sorriso tímido.

— Preciso chamar meu filho. Posso telefonar?

Matthew deveria estar no escritório a uma hora dessas. Demorou um pouco para ele se lembrar do número. Malditos aparelhos automáticos velozes!

— Pai, ia te ligar agora mesmo — disse Matthew, assim que atendeu. — O que aconteceu?

— Estou com um probleminha aqui — Mickey disse, o mais casual que pôde.

— O que há de errado? — Matthew perguntou, preocupado. Mickey podia imaginar o rosto dele, agitado. Matthew era um excelente pai e marido e tinha um emprego de muita responsabilidade, mas tendia a se irritar muito facilmente.

— Houve um pequeno incêndio na cozinha.

— Incêndio na cozinha? Pai, onde você está?

— Estou fora de casa, na casa da Lisa.

— Bom, fez a coisa certa — disse Matthew. Mickey podia ouvir a voz do filho um pouco mais calma agora. Matthew teria um ataque do coração qualquer dia desses, caso não tomasse cuidado. — Está tudo bem? Está respirando bem? Inalou muita fumaça?

— Estou bem — respondeu Mickey, sentindo uma imensa necessidade de minimizar a sua própria ansiedade. — Estou mais preocupado com as coisas na casa. Deveria pelo menos ter trazido o álbum de fotos comigo.

Ao ouvi-lo suspirar, Mickey podia imaginar a expressão exasperada que, sem dúvida, Matthew tinha naquele momento. Seu rosto deveria ter passado de preocupado a consternado. Mickey quis saber quando exatamente os filhos começavam a tratar os pais como crianças.

— O álbum de fotos é a última coisa com a qual você deve se preocupar agora, pai. Não existem “pequenos incêndios”. Estou contente que tenha saído vivo disso.

— Não seja dramático!

— É muito interessante que diga isso depois de me avisar que nossa casa pegou fogo.

Mickey olhou demoradamente para Lisa e fez uma expressão de alguém que fora cercado. Ela deu-lhe um sorriso. Mickey se perguntou se ela tratava os pais da mesma maneira.

— A casa não está caindo — respondeu. Olhou para a porta lateral. Era fumaça que saía da janela? — Eu só não vou poder usar a cozinha por um tempo.

— Então, por que me ligou? — Matthew havia superado completamente o estado inicial de preocupação. Mickey se perguntou quanto tempo mais ele levaria para dizer que a casa era “grande demais” para ele.

— Liguei porque queria saber o que você acha que eu devo fazer. Esse é o tipo de coisa de que sua mãe cuidaria.

— Pai, estou em Chicago — disse Matthew, levantando o tom de voz. — Reparou que precisou discar um código de área? Não posso simplesmente pegar um carro e chegar aí em meia hora.

— Denise quase nunca está no trabalho.

— Não comece a falar de Denise, pai. A propósito, quando foi a última vez que a viu? Ela manda de vez em quando alguém verificar como você tem passado?

Mickey balançou a cabeça. Ele deveria ter ligado para Darlene.

— Denise é muito boa para mim e você sabe disso. — Ele nunca gostara das rixas entre os irmãos. Pensou que tivesse sido claro a respeito disso em todos aqueles anos. — É só que ela trabalha muito.

— Não é hora de discutir isso — Matthew disse abruptamente. — Olhe, tem que acionar o seguro e esse tipo de coisa. Por que não liga para Jesse?

Nem lhe passara pela cabeça procurar Jesse.

— Por que deveria ligar para Jesse?

— Bom, para começar, ele mora a dez minutos da sua casa.

— Jesse não entende dessas coisas. Ele é só um garoto.

— Pai, ele tem 32 anos. E tem sua própria casa.

Mickey olhou para a porta lateral de novo. O caminhão de bombeiros estava estacionando.

— Os bombeiros chegaram — ele disse a Matthew. — Não vamos nos preocupar com isso agora. Vou ver se falo com Denise mais tarde.

— Me ligue quando souber de algo.

— Vou ligar hoje à noite.

— Me ligue assim que souber.

— Está certo. Preciso falar com os bombeiros.

Mickey desligou e estendeu o telefone para Lisa.

— O caminhão de bombeiros chegou — ele disse.

— Maureen já está na janela. Ela ouviu as sirenes.

Mickey se dirigiu para a porta da frente.

— Meu filho acha que sou incapaz de fazer qualquer coisa sozinho.

Lisa deu um tapinha no ombro dele.

— Os filhos às vezes pensam assim. — Ela pegou-o pelo braço.

— Venha, eu o acompanho.